

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Heranças e Lembranças: Imigrantes Judeus no Rio de Janeiro (HL)

## Último a chegar

História de [Benjamin Roitman](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 09/01/2020

---

Projeto Heranças e Lembranças

Depoimento de Benjamin Roitman

Entrevistado por Karen Worcman

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1988

Realização Museu da Pessoa

Entrevista: HL\_HV031

Revisado por Bruna Ghirardello de Oliveira

P/1 - ...E a medida que o senhor for se lembrando das coisas também pode me dizer, tá? Estão aqui.

R - Você vai guardar?

P/1 - Eu vou guardar, não se preocupe não.

R - Isso é muito interessante esse grupo. Muito interessante. "Chalutzim". De 1930. Sabe o que é "Chalutzim"?

P/1 - Sim. Os jovens que iam para Israel, né?

R - Primeiros jovens que foram para Israel.

P/1 - Para colonização, né?

R - Isso.

P/1 - E o senhor fez parte de algum grupo desse?

R - Eu não. Eu não fiz parte não.

P/1 - Então, eu vou deixar aqui..

R - Eu fui lá quando estava tudo pronto. (risos)

P/1 - O senhor foi pra Israel. Mas vamos voltar mais pra trás. Eu gostaria que o senhor me contasse um pouco de onde o senhor nasceu, né, e com o que trabalhava seu pai.

R - Bom, eu nasci na aldeia chamada Chersemi. Esta gravando?

P/1 - Esta gravando. Mas não tem problema nenhum. Como era a aldeia que o senhor...

R - Aldeia chamava-se Chersemi. Chersemi.

P/1 - E como é que foi? Era perto de onde essa aldeia?

R - Kishinev [atual Chişinău, capital da Moldávia]. Até os 12 anos, trabalhava em casa, ajudava a mãe.

P/1 - Essa aldeia era uma aldeia grande, era pequena, era como?

R - Regular.

P/1 - Regular. E o seu pai trabalhava em quê?

R - Olha, meu pai era negociante. Ele embarcou para a América em 1914. Eu só me lembro dele depois que eu vim pro Brasil, você entendeu? Lá na Europa, quando conheci ele, que ele embarcou em 1914.

P/1 - E o senhor nasceu quando?

R - Em 1908. Eu tinha seis anos.

P/1 - 1908. Quando o senhor nasceu, exatamente? Era em que mês?

R - Como?

P/1 - Quando, em que mês, qual é a data do seu aniversário?

R - Maio. 16 de maio.

P/1 - 16 de maio de 1908. Então, quando ele emigrou, o senhor nem lembra dele, então, né?

R - Só o conheci bem quando ele veio ao Brasil.

P/1 - Ele emigrou pro Brasil?

R - Emigrou pro Brasil, levou toda a família.

P/1 - Quer dizer, ele era negociante. Ele negociava o quê?

R - Compra e venda de cereais. Cereais, com que todos os judeus se ocupavam.

P/1 - Mas... O senhor pode me contar. O senhor nasceu, logo depois ele emigrou. O senhor ficou lá com a sua mãe. E como é que foi?

R - Isso. Ajudando ela na arrumação da casa. E ela... Nós éramos nove irmãos. \_\_\_\_\_ cada vez ia um pra estudar em Rascov [Rostov do Don, cidade russa às margens do Mar Negro], na casa da tia. De lá, ia pra Odessa pra ir pra faculdade.

P/1 - Pra ir pra faculdade?

R - Primeiro em Rascov, Talmud-Torá. Depois ia pra Odessa, pra escola técnica. E depois ia... E aprendi a ler lá.

P/1 - Ia pra lá pra casa das tias, né, estudar na Talmud-Torá...

R - Depois passei pra Odessa.

P/1 - E o senhor foi estudar o que em Odessa?

R - Mecânica.

P/1 - Era uma escola técnica lá? Não era uma faculdade, né, era uma escola...

R - Escola técnica.

P/1 - E depois o senhor iria pra uma faculdade?

R - Não deu tempo. Embarquei pro Brasil em 1920.

P/1 - Em 1920, o senhor veio pro Brasil? Ah, 1925.

R - E nem sei como embarquei pro Brasil.

P/1 - E o senhor tinha nove irmãos?

R - Éramos nove.

P/1 - Certo. Eram nove. Então, o senhor tinha oito irmãos.

R - Um pereceu na Revolução Russa.

P/1 - De quê?

R - Stálin matou.

P/1 - E isso quando? Logo... Ah...

R - Em 1936. Os outros não.

P/1 - Dos nove, quantos vieram pro Brasil?

R - Todos.

P/1 - Todos? Em 1925 vieram todos?

R - Não, não, não. Só vieram em 1940. Espaçadamente.

P/1 - Então, vamos começar lá do começo de novo. O senhor nasceu, ajudava a sua mãe na manutenção da casa. E cada vez... O senhor era o irmão mais velho, o irmão do meio? Como era? Era o primeiro irmão?

R - Como é?

P/1 - O senhor era o irmão mais velho da casa? O mais novo?

R - Era o mais novo.

P/1 - O senhor era o mais novo.

R - O mais novo. Na Odessa ficava um. Assim que chegava à idade de ir a Talmud-Tora, ia pra Rascov.

P/1 - Certo. E depois ia estudar alguma coisa, né?

R - Claro.

P/1 - E o senhor vivia de quê? O seu pai mandava dinheiro daqui do Brasil pra lá?

R - Não, não. Eu trabalhava com um irmão.

P/1 - Trabalhava em quê?

R - Fazia fivelas.

P/1 - Faziam-se fivelas? Lá na sua cidade?

R - Em Odessa.

P/1 - Ah, em Odessa. Depois que o senhor...

R - Você escutou falar em Odessa?

P/1 - Já escutei falar sim.

R - Uma cidade grande. Progressiva.

P/1 - E o senhor estudou... Aí o senhor ficou lá, trabalhava com seu irmão...

R - Eu estudava na escola técnica. Mas não terminei, não tinha diploma. Porque era a hora de embarcar.

P/1 - E por que que o senhor quis embarcar pro Brasil?

R - Porque toda a família já estava no Brasil. Toda minha família. Toda. Minha mãe, meu irmão. Toda. Eu era o único que fiquei lá.

P/1 - A sua mãe, pelo que eu vi na cédula de identidade, ela não veio pro Brasil. Ela foi pra...

R - Não. Ela esteve no Brasil também.

P/1 - E depois foi pra Argentina?

R - Ela foi. Porque eu tinha dois irmãos na Argentina. Mais velhos. Então, ela estava cambiando Brasil, Argentina.

P/1 - O seu pai morava aqui no Brasil?

R - Meu pai morava no Brasil.

P/1 - E ela veio encontrar ele?

R - Com mais três. \_\_\_\_\_ Só falta um que não está aí. Muito bem.

P/1 - Então... O seu pai era muito religioso? Ou a sua mãe?

R - Não. Era homem simples.

P/1 - E ele veio pra cá pra ganhar dinheiro.

R - Não, porque aqui era vida boa. Clientela. Sabe o que é clientela?

P/1 - Sei, sei.

R - Vendia tecido.

P/1 - E ele veio pra isso. A vida lá era muito dura?

R - Regular. Pra quem estava acostumado, estava boa. Pra quem estava acostumado, estava boa. Agora, pra quem pra quem não está acostumado...

P/1 - Nessa aldeia que o senhor nasceu existiam muitos judeus ou?...

R - Tinha umas dez famílias.

P/1 - Judias. E o resto não. O resto não era judeu?

R - Claro. Cristãos.

P/1 - Eram cristãos. Já havia algum problema de anti-semitismo?

R - Não. não se falava nisso não. Era tudo gente pacata. Agora, passei... Depois de vir ao Brasil, passei um tempo em Aracaju, Sergipe.

P/1 - Ah. O senhor emigrou para cá, veio pra cá, veio para Aracaju primeiro, então.

R - Passei uns cinco anos em Sergipe. E também em Buenos Aires.

P/1 - Depois o senhor foi pra Buenos Aires?

R - Eu viajava.

P/1 - O senhor trabalhava em quê?

R - Aqui no Brasil? Clientela.

P/1 - E por isso que o senhor viajava tanto?

R - No princípio, nessa época, entre 1925 e 1930. Depois montei uma fábrica, nessa loja aqui. Até que nasceu uma fábrica grande. Tarzan.

P/1 - Como era o nome da fábrica? - Uma fábrica de quê?

R - De móveis. Tarzan.

P/1 - Onde ficava essa fábrica?

R - No Engenho Novo.

P/1 - Mas no começo o senhor trabalhava com clientela, né?

R - Aqui. Contra meu gosto.

P/1 - O senhor não gostava não?

R - Contra meu gosto.

P/1 - E por que o senhor, então, ia para Buenos Aires? Pra vender coisas lá também?

R - Dois irmãos estavam lá estabelecidos.

P/1 - Sei. Aí o senhor ficava indo e voltando também.

R - É, se pudesse largar nesse instante para ir para Buenos Aires...

P/1 - Ah é? Eles ainda estão lá, seus irmãos?

R - Não. Só tem sobrinhos, tem três sobrinhos mais moços do que eu uns 3, 4 anos. Muito bem.

P/1 - Ai... O senhor casou lá ou aqui? O senhor casou?

R - Aqui. Por duas vezes.

P/1 - Casou por duas vezes. Com quem que o senhor casou?

R - Primeiro foi com Cima Filkenstein. Faleceu de câncer, em 1944. A segunda vez foi com a Rosa Lerner. Faleceu em 1984.

P/1 - Da sua primeira mulher, o senhor já conhecia ela lá? Ou o senhor veio conhecê-la aqui?

R - Não. Conheci ela aqui.

P/1 - Ah, conheceu ela aqui. A sua segunda mulher era daqui ou era de lá?

R - De Sukaron.

P/1 - Qual. A Cima ou a Rosa?

R - A Rosa.

P/1 - E o senhor também conheceu...

R - E a Cima também era de Sukaron.

P/1 - Todo mundo de Sukaron. E as duas o senhor conheceu aqui?

R - É e tenho mais dois filhos da Cima.

P/1 - Como é o nome dos seus filhos?

R - Nome? Samuel Roitman e Clarinha Chiniks. C-h-i-n-i-k-s.

P/1 - E o seu filho faz o quê?

R - Trabalha no setor bancário.

P/1 - E a sua filha?

R - Vendedora na H.Stern. Agora, eu estive três vezes na Europa, viajei a Europa toda.

P/1 - O senhor foi lá pra visitar a Europa?

R - E passei ela toda.

P/1 - E...

R - Fui a Israel. Viajei quase um ano.

P/1 - E os seus tios, os irmãos, os parentes da sua mãe e do seu pai, eles continuaram lá na Bessarábia ou eles vieram pra cá também?

R - Se continuaram lá?

P/1 - É. O resto da família. Porque, pelo que o senhor disse, veio o senhor...

R - Todos vieram pra cá.

P/1 - Veio todo mundo pra cá? E por que emigrava todo mundo assim?

R - Naquele tempo não se fazia outra coisa, só emigrava. Você vê esses capitalistas, São Paulo, Tabacow e tudo, tudo era gente simples.

P/1 - Todo mundo de lá, né?

R - Todo mundo de lá. Quem chegou primeiro, abocanhava mais. Você tem pai e mãe?

P/1 - Tenho.

R - Você tem avó aqui?

P/1 - Avó aqui? Meu avô já faleceu. Mas...

R - Worcman. Que tem "Arbeitsamt".

P/1 - O meu avô, ele faleceu. Ele era polonês. Era da Polônia. Por quê?

R - Não. Eu queria... Pensei que você tem alguém aqui. Eu estou confundindo Worcman com Arbeitsamt.

P/1 - Não, não é. É Worcman. Talvez seja outro nome.

R - Seu pai faz o quê? Agora sou eu que estou entrevistando. (risos)

P/1 - É, vamos voltar a entrevistar o senhor. (risos) Depois eu conto pro senhor, porque senão vai gravar minha vida, não interessa né. Eu queria saber mais da sua vida. E como era isso que o senhor trabalhava lá? Eu queria que o senhor me contasse um pouquinho da vida lá em Odessa, em Raskov.

R - Em Odessa é o seguinte. O meu irmão mais velho, um deles, montou uma fábrica de fivelas, artefato de metal. Claro, que eu era irmão, morava na casa dele, ele me dava comida e dormia, abrigo e tudo, então, eu trabalhava com ele. E trabalha com muita consciência. Nunca se estragava nada. Nunca. Nunca me descuidei do serviço. Até o dia que eu embarquei pro Brasil.

P/1 - E decidiu que o senhor ia embarcar pro Brasil. Foi o senhor mesmo?

R - Eu estou explicando. A minha família toda já estava no Brasil. Aí eu recebi uma chamada, uma chamada para vir, com passagem e tudo.

P/1 - Isso em 1925?

R - Aí eu tive que embarcar.

P/1 - Isso com quantos anos o senhor tinha? 15 anos?

R - 17 anos.

P/1 - 17 anos. E o seu irmão mais velho? Ele embarcou junto?

R - Qual irmão?

P/1 - Esse que o senhor morava com ele.

R - Devia ter uns 30 anos.

P/1 - Ah, e muito mais velho que o senhor, então.

R - É. É o segundo da família.

P/1 - Depois o senhor me dá o nome de todos eles? Se o senhor quiser, também não precisa tanto não.

R - Não, isso não interessa. Basta botar dois só.

P/1 - Então, diz.

R - Todos eles se radicaram em Buenos Aires. Gregório Roitman, o mais velho, também cursou a escola técnica em Odessa. Montou uma fábrica de artefato de metal.

P/1 - Lá em Buenos Aires?

R - Tudo em Buenos Aires.

P/1 - E o outro? Esse.

R - O outro, Leon.

P/1 - Também em Buenos Aires?

R - Se você botar Roitman... Ele mudou o nome no tempo da guerra, Olordoski.

P/1 - Por quê? Por que ele mudou de nome?

R - Porque ele era diretor do exército. Sabe como é naquele tempo \_\_\_\_\_, "se você for a Buenos Aires, fala comigo. Eu te recomendo o filho dele, Magnata." E começou lá em Odessa.

P/1 - Começou em Odessa?

R - A fábrica começou em Odessa. Agora é a Magnata.

P/1 - Aqui em Buenos Aires.

R - Em Buenos Aires. Tem 900 operários.

P/1 - Nossa! E como que eles se deram tão bem? Por que o senhor acha que eles fizeram assim tanto dinheiro? Foi a situação da Argentina que ajudou? O que houve?

R - A indústria. Tendo a capitalizar o pessoal. Você trabalha hoje... Comprou por tanto, vendeu por tanto, fabricou, encheu. Ai sobrou. Então, cresce a indústria. E quando vê, já cresceu. Quando a pessoa abre a sua casa, muitas vezes chega a um ponto da casa, aí... Tudo abaixo. Tiveram sorte, pegaram um artigo bom para fabricar. Bastante praça. Mas a indústria tende a crescer. Olha São Paulo. Todos eles são ricos. O que é? Indústria. Compra uma fazenda, uma peça de fazenda \_\_\_\_\_.

P/1 - O senhor me falou, não sei se o senhor gostaria de falar mais uma vez, mas que teve um irmão seu que Stalin matou, né. Mas isso foi em 1936. O senhor disse que era o único que estava lá na Romênia no fim, em 1925, e veio pra cá encontrar sua família. Quer dizer que ficou um

irmão seu lá, então?

R - Não. Esse que morreu lá nunca veio pro Brasil.

P/1 - Ele ficou lá sempre?

R - Claro. Era comunista, dedicado ao Partido. Stalin matou milhões deles, não é só ele. Só isso.

P/1 - O senhor tem alguma lembrança de...

R - Ele era muito garoto.

P/1 - Ele?

R - É. No Exército. Mas, infelizmente, não foi o único.

P/1 - Não. Foi muita gente.

R - Não sei se você escutou falar na chacina de Stálin.

P/1 - Já. Já li bastante sobre isso.

R - Sempre levei uma vida boa, pacata, cumpridor do dever.

P/1 - Deixa eu lhe perguntar. Quer dizer que o senhor, atualmente... Aqui no Rio de Janeiro, o senhor chegou quando?

R - Quando?

P/1 - O senhor chegou ao Rio de Janeiro.

R - 1930.

P/1 - Em 1930. O senhor chegou ao Brasil, foi direto pra Aracaju?

R - Fui direto pra Aracaju.

P/1 - Por quê? Tinha gente da família lá?

R - A família toda estava lá.

P/1 - Ah, a família estava toda em Aracaju. E aí, quando o senhor veio pro Rio de Janeiro, a família também estava vindo pro Rio de Janeiro?

R - Não. Não. Eu me lembro, até no início me desliguei.

P/1 - Da família?

R - Fui procurar meu destino.

P/1 - E por quê? O senhor se desentendeu ou por que o senhor queria independência?

R - Não. Porque eu estava sonhando com indústria.

P/1 - Estava sonhando em fazer uma fábrica.

R - A minha fábrica. Eu sou um grande mecânico. Não é bom se falar de negócios? Tem que falar mesmo. Eu entendo muito bem de máquinas. Olha aqui a máquina.

P/1 - Mas a sua loja foi de móveis, né? A sua fábrica foi de móveis.

R - Móveis muito ligadas à mecânica. Você pode costurar um botão com a agulha e pode costurar um botão com máquina automática. Tudo automatizado. Entendeu?

P/1 - Entendi. Entendi. E essa... Quando o senhor chegou aqui no Rio, o senhor morou aonde?

R - Na Praça XI. Até casar.



P/1 - Ah, o senhor morou na Praça XI. E foi quando que o senhor casou?

R - Em 1934.

P/1 - E como foi que o senhor conheceu a sua primeira mulher? Lá na Praça XI também?

R - O quê?

P/1 - A sua primeira mulher, a Cima, como foi que o senhor conheceu?

R - Também na Praça XI. Na família Guerman.

P/1 - O senhor está cansado já?

R - Mais ou menos. Ainda dá.

P/1 - Ainda dá?

R - Mas o resto, uma vida boa. Vira pra lá, da um pulinho pra cá, dá cambalhota, escapa de uma coisa, escapa de outra, entra numa fria. (risos)  
Essa é a vida.

P/1 - Que frias que o senhor entrou?

R - Às vezes a gente perde no negócio, perde dinheiro, é roubado. Enganado por sócios.

P/1 - A sua mãe aqui no Brasil ou lá na Argentina, ela não trabalhou não?

R - Trabalhou. Ela trabalhou.

P/1 - Trabalhou? Em quê?

R - Na cozinha.

P/1 - Ah, tá. Não trabalhava fora não, né?

R - Não.

P/1 - E na sua família tinha alguém que era muito religioso? O senhor é religioso? Não. Ninguém era...

R - Não.

P/1 - Não frequentava nenhuma sinagoga nem nada?

R - Aparentemente, não é. No fundo, no fundo, ninguém é religioso.

P/1 - O senhor chegou a frequentar alguma sinagoga?

R - Como é?

P/1 - O senhor frequentou alguma sinagoga?

R - Por força das circunstâncias... Feriados, dias santos.

P/1 - Certo. Que sinagoga o senhor frequentou?

R - O Templo.

P/1 - O Grande Templo?

R - É, o que eu aprendi com as viagens ao exterior.

P/1 - Quando foram essas viagens?

R - Quando? 1964, 1966, 1967.

P/1 - E quanto tempo o senhor passou em cada viagem?

R - Um ano.

P/1 - Em cada uma?

R - Não, ao todo.

P/1 - O senhor foi lá passear?

R - Passear, conhecer.

P/1 - E o senhor voltou lá na sua cidade natal?

R - Só voltei em Odessa. A minha cidade natal não fui, porque não tinha hotel. Eles não permitem.. Os russos não permitem judeu fora do hotel que eles têm

P/1 - Ah, sei, não permitem ir lá.

R - Não. Se a cidade não tiver hotel, não pode ir lá.

P/1 - E essa cidade não tinha hotel.

R - Em Rascov não tem.

P/1 - E agora o senhor está lendo o livro de Gorbachev, que eu estou vendo, né?

R - Estou lendo sim, senhora. Eu sou muito inclinado ao progresso \_\_\_\_\_ da Rússia. Como eu disse, eu gosto do país. Eu falo russo. Aprendi muita coisa na Rússia.

P/1 - Na Rússia? Mas como que o senhor... Isso, na época que o senhor estava lá, já era ocupação russa, né? O senhor falava que língua lá?

R - Russo.

P/1 - Na escola era russo? Tudo russo?

R - Tudo russo.

P/1 - E em casa também se falava russo?

R - Tudo russo. Depois eu completo. Vou lhe arranjar mais umas fotografias.

P/1 - Tá certo.

R - Mas isso vai ser um trabalho ingrato. Cada pessoa, vai ter que fazer um caderno especial.

P/1 - Cada pessoa tem um caderno especial. Mas... É importante. Deixa eu ver se eu estou com uma cartinha aqui que eu vou deixar com o senhor...

[Fim da Entrevista]